

VIVENCIANDO A RUA: UMA CONTRIBUIÇÃO ETNOGRÁFICA

¹ Thiago Pacheco, thiagopachecoeducacao@gmail.com

¹ Secretaria Municipal de Educação da Cidade de São Paulo

RESUMO

Neste artigo apresentamos uma pesquisa qualitativa em saúde. Pretendemos demonstrar como a técnica etnográfica nos permite a compreensão do estilo de vida de crianças e adolescentes que vivem na e da rua nas grandes cidades. Acreditamos que por meio da etnografia conseguimos compreender o histórico de vida, a vida cotidiana, demandas de saúde e tratamentos almejados. Esta população está permeada pela pobreza extrema, precariedade e insalubridade das ruas, tornando-se desafio para educadores, profissionais da saúde e os conceitos gerais do Sistema Único de Saúde, como Universalidade, Integralidade e Equidade. Nosso campo de pesquisa são os logradouros, praças, marquises e dispositivos da assistência social e da saúde em São Paulo.

Palavras-chave: Rua, Vínculo, Drogas, Dispositivos, Saúde.

Data de recebimento: 16/12/2020

Data de aceite: 20/12/2020

Data de Publicação: 30/12/2020

1. INTRODUÇÃO

Apresentamos as notas do caderno de campo do pesquisador I: “Certa vez encontramos um adolescente de 17 anos de idade. Seu tamanho é bem minúsculo, sua voz ainda entoa como uma criança de oito anos de idade, bem como o formato do seu rosto. Quanto a sua análise clínica, os cabelos bem falhados, o abdômen é inchado, sem pelos pelo corpo, o desenvolvimento muscular é bem comprometido e um histórico de vida permeado pela violência e pobreza. Segundo os relatos das funcionárias dos dispositivos de saúde e assistência social, este adolescente vive na/da rua desde os cinco anos de idade e faz uso de drogas (crack e cocaína). Todas as vezes que caminhávamos pela rua, nos deparávamos com este menino e sempre tentamos criar vínculo com ele. Fazíamos questão de passar pelos locais em que costumava ficar para cumprimentá-lo e oferecer alguma coisa. Neste primeiro momento, não encarávamos as reações do adolescente como algo violento ou agressivo, mas uma postura ríspida, pois como passou sua infância e adolescência na rua, não encontrou outro meio de se relacionar com os demais e sempre exercendo ações como pedinte, ofendendo as pessoas e outros comportamentos que foram desenvolvidos na rua, sobretudo como estratégia de sobrevivência. Passado algum tempo, o adolescente é internado na ala psiquiátrica do hospital para desintoxicação. Foram realizadas diversas visitas e a partir daí que se complementa a nossa empreitada etnográfica”.

Essa é uma das formas em que nós, os pesquisadores, podemos iniciar nossa empreitada etnográfica. Seja anotando, desenhando, registrando o nome das pessoas, à hora, o local ou como a pessoa se gesticulava (Magnani, 2002). Este método é a tentativa de exprimir às emoções, os sentimentos, a forma em que o outro pensa sobre as coisas do mundo. Método este que nos possibilita os *insights* sobre o espaço, os diálogos, aspectos corriqueiros da vida, os aspectos da outra cultura, enfim uma gama de informações que possibilita pesquisadores a compreenderem o outro. (Bourdieu, 1999).

Para registrarmos todos esses detalhes o caderno de campo nos possibilita a compreensão dos registros dos dados pessoais, local, histórico de vida, sentimentos, símbolos, forma de organização e diversos aspectos que constroem a cultura. Mas para elaboração do trabalho etnográfico partilhamos de três elementos que são fundamentais: o diálogo, a observação e a sensibilidade.¹

¹ A sensibilidade está relacionada à atenção em que o pesquisador deve ter com as pessoas que dialoga no decorrer da pesquisa, assim como o cenário.

Quando chegamos ao campo em alguns momentos nos sentimos incomodados com os questionamentos que nos fazem, como se tivéssemos que chegar ao local e apenas coletar as informações que queremos ouvir. Dois elementos são importantes nesse processo: o diálogo e a consolidação dos vínculos. Dessa forma, conseguimos compreender o outro a partir dele mesmo, relatando suas impressões, construção da cultura, valores, comportamentos e relações com o espaço.

Ao abordamos sobre o trabalho etnográfico há algumas semelhanças com outras áreas do conhecimento ou métodos. Por exemplo, comparar com o jornalista em descrever o fenômeno e situar apenas aquele momento, como se fosse uma “fofoca”, descrição da particularidade íntima da vida das pessoas ou apenas para expressar ou atestar as hipóteses em que construímos nos objetivos dos projetos de pesquisa.

REFERÊNCIAL TEÓRICO

Para entendermos a etnografia escolhemos dois autores que nos auxiliam na compreensão do espaço, dos indivíduos e dos grupos a serem pesquisados. José Guilherme Cantor Magnani no seu artigo “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana” e William Foote White no seu livro “Sociedade da esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada”.

Normalmente, na área das Ciências Humanas e Sociais os antropólogos utilizavam o método etnográfico para compreender as sociedades mais antigas, como os indígenas e aborígenes. Nesse tipo de sociedade, os indivíduos tinham papéis mais bem definidos, seu modelo econômico e político não apresentava tanta complexidade e dessa forma antropólogos debruçaram-se sobre estes povos.

Com o avanço tecnológico, industrial, econômico e político novos personagens foram surgindo e o cenário urbano possibilitou novas compreensões da realidade. Antropólogos, sociólogos, economistas, psicólogos, urbanistas, paisagistas e tantos outros profissionais de diferentes áreas do conhecimento focaram seus estudos na compreensão da vida em cidade, nesse contexto que surgem os primeiros etnógrafos da cidade ou das sociedades complexas. (Whyte, 2005).

Nesse sentido, Magnani nos possibilita compreender as sociedades complexas a partir de duas linhas de reflexão: a primeira sobre a cidade e a segunda sobre o método etnográfico. Quando abordamos sobre a cidade e os aspectos da vida urbana recorreremos às explicações mais gerais do seu funcionamento, esquecendo os indivíduos e grupos que a compõe, a isso, Magnani chama “*de fora e de longe*”. Com a etnografia resgatamos na cidade suas dinâmicas “*de perto*

e de dentro”, que serão capazes de refletir os aspectos excluídos da macro-visão. (Magnani, 2002).

Quando realizamos as pesquisas na cidade são inúmeros os *insights* que surgem para o pesquisador, por exemplo, transporte precário, ruas cheias de pessoas, lixo excessivo na rua, isolamento dos indivíduos, as ruas da cidade tornam-se grandes corredores de passagem onde as pessoas não se vêem, não conversam, não há interação, falta de planejamento urbano, entre tantos problemas. Ao lermos as descrições sobre as cidades, sobretudo das grandes potências econômicas (Estados Unidos, Europa, Ásia) são vistos como “não lugares”, “fluidez”, “sociedade líquida”, “redes e pontos de encontro de virtuais” (Sennett, 2008). Esse tipo de visão é característica às áreas dos arquitetos, da semiologia, críticos pós-modernos ou teóricos adeptos do protótipo da sociedade pós-industrial. (Augé, 2005).

Magnani tem o objetivo de encontrar um campo de reflexão para a dinâmica urbana contemporânea. Conforme descrito acima, as reflexões sobre cidade apresentadas pelos teóricos da sociedade pós-industrial (arquitetos, urbanistas, geógrafos) se concentram na concepção de ausência dos moradores e das relações sociais. Ao olharmos a cidade é preciso compreender o movimento econômico, político e os seus fatores sociais.

Quando observamos a cidade, em muitos casos, nos ocupamos muito mais das construções, arquiteturas e no modelo de cidade em que está sendo planejado para uma maioria. Nesse sentido, a Antropologia nos permite compreender os rituais urbanos, símbolos, estilos de vida e as ações das pessoas por meio da etnografia. (Magnani, 2002). Ao descrevermos sobre o método etnográfico costumamos afirmar sobre a importância em mantermos “distância” e outras atuações correlatas para a análise. Ações como sujeito/objeto em colocar-se no lugar do outro, observação participante, dar voz ao “nativo” fazem parte do universo etnográfico, mas o autor aponta um aspecto muito pertinente e interessante, quando afirma que o pesquisador deve compreender o outro a partir das suas particularidades (Magnani, 2002).

Nesse sentido, a etnografia enquanto método de compreensão da realidade nos permite captar aspectos da dinâmica urbana que nos passariam despercebidos. A etnografia não é apenas a busca pelas particularidades e detalhes da vida em sociedade, mas os *insights* que ela pode apresentar ao pesquisador e os fragmentos que podem arranjar-se num todo e dar pistas ao movimento. (Magnani, 2002).

Quando concentramos nossas pesquisas sobre a cidade costumamos exaltar aspectos como individualismo e isolamento da vida na cidade. Neste artigo procuramos compreender a identidade de pessoas que vivem na e da rua, poderíamos seguir o modelo de algumas pesquisas mais antigas, como ‘sujeitos desgraçados’, ‘sem casa’, ‘sem teto’ e ‘sem moral’, ‘selvagens de

asfalto’, ‘despossuídos de valores’, de ‘materialidade para a conquista da ascensão social’ e que ‘sofrem com o viver da e na rua’. Estas descrições não são falsas, mas há exagero e sectarismo em descrever apenas esses aspectos. Todavia esquecemo-nos de compreender estes sujeitos enquanto mobilidade social, que passam por escassez e falta dos meios necessários de subsistência, mas conseguem recriar-se no espaço público para sobreviver na cidade, ora por meio do trabalho informal, ora pelo uso e abuso de drogas, ora pelos educadores e agentes de saúde.

Apresentar as discussões sobre o isolamento na vida da cidade ou nas estruturas em que os indivíduos vivem, esquecendo-se muitas vezes do sentido em que as pessoas atribuem ao espaço é esquecer que a sociedade é intermediada pela relação clássica entre indivíduo e sociedade, sociedade e indivíduo.

A sociedade, como sabemos, somos todos nós; é uma porção de pessoas juntas. Mas uma porção de pessoas juntas na Índia e na China formam um tipo de sociedade diferente da encontrada na América ou na Grã-Bretanha [...] Ela só existe porque existe um grande número de pessoas, só continua a funcionar porque muitas pessoas, isoladamente, querem e fazem certas coisas, e no entanto sua estrutura e suas grandes transformações históricas independem, claramente, das intenções de qualquer pessoa em particular. (Elias, 1994, p.13)

Pensando na vivência de quem vive na e da rua, acreditamos que a cidade não é vista apenas como um grande corredor de passagem, afinal o sujeito pensa os locais por onde circula, sabe dos locais de distribuição de alimentos, roupas, doações, ou seja, sabe onde encontrar profissionais que possam ajudar na saúde e na assistência social. A cidade recria os seus espaços para múltiplos usos e assim, homens e mulheres atribuem sentido em suas ações para viver na cidade.

Ao justificarmos e compreendermos o sujeito como ser isolado na multidão negamos as relações, grupos e encontros. Sobre estes aspectos que a compreensão “*de perto e de dentro*” consegue problematizar o conjunto de ações dos atores sociais. Assim, justifica Magnani:

A simples estratégia de acompanhar um desses ‘indivíduos’ em seus trajetos habituais revelaria um mapa de deslocamentos pontuados por contatos significativos, em contextos tão variados como o do trabalho, do lazer, das práticas religiosas. É nesse plano que entra a perspectiva de perto e de dentro, capaz de apreender os padrões de comportamento, não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos. (Magnani, 2002, p.17)

Alguns conceitos no método podem confundir-se com a sua proposta. Quando surge o conceito “passagem” e “de passagem” trata-se da forma em que os sujeitos percorrem a cidade, observando os espaços, hábitos, conflitos e outras mediações. Assim, ao invés do olhar de passagem (que são as escolhas e trajeto do pesquisador) Magnani propõe o “olhar de perto e de

dentro”, mas a partir de atores sociais no deslocamento da vida em cidade, como a escola, o trabalho, lazer, saúde. São os indivíduos, condicionados pelas forças econômicas, que são responsáveis por sua conduta e atribuição de sentido na sua dinâmica cotidiana.

Embora tenham vivido em períodos e locais distintos, os argumentos de Whyte sobre o método não são tão distantes quanto os argumentos de Magnani. Para Whyte, analisando um bairro pobre e degradado de italianos nos Estados Unidos (*Cornerville*) nos demonstra que o método etnográfico possibilita compreender a realidade de determinados fenômenos urbanos que muitas vezes passariam despercebidos.

A etnografia, nessa perspectiva, possibilita o detalhadamente do *ghetho* italiano, sobretudo na organização social que se estabeleceu por lá, como as festas, batizados, jogos entre os mais jovens, a composição dos grupos e outros rituais no território italiano. São nesses eventos que a etnografia possibilita a compreensão dos indivíduos e a forma em que se organizam.

White chama a atenção para pesquisadores que compreendem territórios degradados e pobres. Nesse tipo de pesquisa há o costume de atribuir a esses bairros falta de organização e que os indivíduos vivem apenas pelo poder e para o poder paralelo. Esta afirmação, que muitas vezes nos aparece nos primeiros momentos das visitas de campo precisa ser atestada e só podemos afirmá-las com a convivência, diálogo e a sensibilidade do que observamos no campo. Nesse sentido, Whyte nos demonstra que em *Cornerville* não há falta de organização, mas um fracasso na organização social externa que impossibilita os indivíduos a se conectarem além das esquinas do *ghetho* italiano. Naquele território, as organizações políticas e mafiosas que possibilitava a mobilidade e ascensão social e dessa forma demonstra que são estes os parâmetros para homens e mulheres de *Cornerville* progredirem e ganharem reconhecimento e prestígio no próprio distrito.

Até aqui comentamos sobre os autores que utilizam o método etnográfico e da importância de compreendermos os fenômenos urbanos de “perto e de dentro”, que são os arranjos dos próprios atores sociais para transitarem na cidade. Resta-nos comentar sobre a forma em que pesquisadores e a pesquisadoras podem chegar ao campo de pesquisa e nas pessoas em que pretendem conversar.

METODOLOGIA

Whyte nos ajuda na descrição do objeto, onde pesquisadores registram algumas informações e não um conjunto de ações, símbolos, rituais, costumes e hábitos. É preciso adentrar, cada vez mais no território a ser estudado e compreender o todo que movimenta o indivíduo.

Esta ideia nos ajuda a compreender nossa atuação nos departamentos de pós-graduação. Em muitas ocasiões, dedicamos poucas horas para a coleta dos dados em campo, até mesmo pelo curto período em que temos para elaboração das pesquisas. Whyte nos propõe a imersão completa do sujeito na comunidade do estudo, e caso o pesquisador reside na comunidade ou próximo onde o estudo será realizado, a sua vida pessoal estará associada à sua pesquisa. Desse modo, ao elaborarmos os relatórios, dissertação ou a tese é preciso uma exposição, bastante pessoal, do modo como foi elaborado, a vivência no tempo do estudo e o que pretendemos buscar naquele local:

As ideias que temos durante a pesquisa são apenas parcialmente um produto lógico que cresce a partir de uma cuidadosa avaliação de evidências. Em geral, nossa maneira de refletir sobre os problemas não é linear. Com frequência temos a sensação de estarmos imersos numa massa confusa de dados. Nós, o analisamos cuidadosamente, colocando sobre eles todo o peso de nosso poder de análise lógica. (Whyte, 2005, pp.283-284)

Deste processo, saímos com uma ou diversas ideias sobre aquilo que observamos, e mesmo assim os dados não revelam algum padrão coerente sendo necessária a observação, compreensão dos dados e a vivência com as pessoas. Dessa forma, quem sabe alguma evidência nos aparece. Essa evidência é uma ação puramente artística, pelo fato de ser criado a partir da observação e compreensão daquilo que estudamos.

As evidências apresentadas pelo pesquisador e pesquisadora devem ser compreendidas a partir das notas descritas, assim conseguimos obter e perceber se a descrição está coerente e se é preciso à coleta de mais dados.

As ideias crescem, em parte, como resultado de nossa imersão nos dados e do processo total de viver. Considerando que muito desse processo de análise ocorre num plano inconsciente, estou seguro de que dele nunca podemos apresentar um relato completo. (Whyte, 2005, p.284)

Outro elemento importante sobre a etnografia é a vivência. Quando estamos inseridos no campo com o outro a confiança que temos parece ser mediada por essa relação, sobretudo na consolidação dos vínculos. Assim, conseguimos adentrar aos espaços que em muitas situações não conheceríamos.

A vida no lugar não desenvolveria segundo encontros formalmente agendados. Para encontrar as pessoas, passar a conhecê-las, encaixar-me em suas atividades, tinha que gastar tempo com elas – um bocado de tempo -, dia após dia. (Whyte, 2005, p.295)

Durante as pesquisas de campo surge a “crise do pesquisador” entre a coleta de campo e os estudos teóricos do fenômeno. Em algumas situações no decorrer da pesquisa ficamos sentados,

lendo a bibliografia, digitando alguns esboços, redesenhando a pesquisa e cumprindo os créditos dos programas de pós-graduação. O que se torna uma tarefa cômoda, por não trazer tanto conflito para quem pesquisa. Quando saímos para o trabalho de campo, sem a consolidação do vínculo com as pessoas ou o grupo, costumamos ficar receosos em nos aproximarmos para coleta dos dados e preencher a pesquisa, dando a impressão de que o trabalho de campo não foi útil e preferindo os estudos teóricos.

Algo que pode facilitar esse intermédio é a consolidação do vínculo para que a nossa sensação não seja de desamparo, e essa relação só ocorre por meio do diálogo e convivência entre seres humanos. Por exemplo, sentado e ouvindo muitas conversas o pesquisador tem em alguns momentos uma compreensão geral e de algumas coisas que talvez não tivesse ideia. O trabalho de campo nos permite o questionamento e a sensação de estarmos seguros ao “entrarmos” em estilos de vida e compreendermos os seus padrões.

Outro aspecto importante sobre o método é pensarmos que pela convivência nos tornaríamos nativos. Quando há esta sensação surge como uma ação forçada, e normalmente o que esperam da gente, enquanto pesquisadores, é que compreendemos os informantes sem perder sua identidade e seus hábitos. Nesse sentido, o método etnográfico não é fazer com que nos tornamos o outro, mas dar a possibilidade de algumas pessoas apresentarem seus estilos de vida. Sobre os informantes, não devemos tratá-los como sujeitos menores, capazes apenas de informar seu estilo de vida, mas respeitá-los e ampará-los quando necessário. A conduta ética do pesquisador torna-se fundamental nesse processo, sobretudo pelas premissas realizadas no campo.

A estratégia da etnografia funciona melhor quando somos integrantes de uma organização permanente, capaz de desenvolver uma relação em longo prazo. O pesquisador solitário está em situação precária para fazer o acompanhamento necessário até o final do trabalho.

A estratégia de PAP (Pesquisa-Ação-Participativa) só pode ser aplicada efetivamente em um número limitado de situações. Onde é possível ela oferecer oportunidades para melhorar as relações de campo do pesquisador, fortalecer o processo de pesquisa e alcançar resultados práticos. (Whyte, 2005, p.355)

Dessa forma que a etnografia enquanto método só ocorre por meio da convivência e participação dos sujeitos, e caso nós, pesquisadores, tenhamos pouca afinidade no processo, talvez não iremos conseguir desenvolver e compreender o fenômeno observado. Quanto mais próximo do objeto e mais relação com as pessoas, a descrição dos fenômenos tende ser cada vez mais parecida com a “realidade” do que obras de ficção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta pesquisa ocorreu em diversos logradouros da cidade de São Paulo. Os olhares sobre a cidade e a população em situação de rua ocorreram entre os anos de 2010 até 2013, seja na perspectiva dos pesquisadores ou como atuação nos serviços de saúde e assistência-social designados a esta população.

Durante os anos da graduação ocorriam inquietações ao ler os clássicos das Ciências Sociais e Ciências Humanas e permanecer, em muitos momentos, restrito a escrever resenhas e trabalhos acadêmicos. Muitos pesquisadores ao ingressar nos cursos de graduação pensam em transformar o mundo em que estamos inseridos, mas como fazer? Com quem fazer? Onde começar? Foi então que com a vivência com os homens e mulheres da rua pudemos revisitado algo que poderia conciliar todas as informações bibliográficas e estabelecer o diálogo entre as Ciências Sociais, Ciências Humanas e da Saúde. Na medida em que as relações com a população em situação de rua iniciaram, foi preciso repensar o modelo de análise, fugindo da ideia de totalidade e praticando o legado histórico das ciências humanas e sociais: compreender o outro (a) a partir dele (a) mesmo (a).

Dessa experiência como educador da rua pudemos compreender, um pouco melhor, a forma de viver dessas pessoas. Nesse sentido, compreendemos a atuação do educador social como algo importante nos projetos apresentados para o município, sobretudo por abordarem a interdisciplinaridade, onde encontramos artistas, psicólogos, sociólogos, assistentes sociais, enfermeiros, educadores físicos, entre outros profissionais. Esses protagonistas saem às ruas diariamente para a construção do vínculo, na relação educador e educando, e elaboram estratégias para acompanhamento nas diferentes áreas. Os educadores são importantes nesse processo por promoverem o diálogo, a esperança, pensar em conjunto, respeitar, valorizar e amparar as escolhas de cada sujeito. Não podemos pensar na figura do educador como algo divino e que libertará todos os seres humanos, pois o mesmo se encontra numa relação dialógica e dialética quando está em contato com os moradores de rua. De tanto o oprimido viver com o opressor, tendo a sua figura como referência em muitas relações sociais, vai praticar ações de opressão com sujeitos que são seus pares.

No período como educador de rua, ao acompanhar as pessoas nos serviços (UBS, centro de acolhida, hospitais) nos deparávamos com frases depreciativas pronunciadas por muitos profissionais da saúde e da assistência social: *“Você está doente, e não consegue ajudar-se, precisa de médico”*, *“Veja o que você fez com sua vida”*, *“Você tem poucas escolhas: parar*

com o uso de drogas ou morrer²!". Nessas observações, percebemos uma relação de domínio sobre essas pessoas, pois ao mesmo tempo em que era examinada por profissionais, a construção do estigma era recorrente nos atendimentos, sobretudo nos encaminhamentos das tarefas, medicação, lazer, trabalho e moradia. O universo dos moradores de rua tornou-se muito curioso, mas, conforme descrito acima, é preciso recortar, separar e afinar cada vez mais algum tema de estudo, e assim a temática das drogas apareceu como condutora de diversas relações sociais. Foi por meio dela que percebemos diversos detalhes que passavam despercebidos, como os motivos do uso, quando começaram, como e onde podem usar.

Dessa forma, a etnografia na saúde torna-se uma ferramenta importante por aproximar profissionais a uma vivência que não lhe pertence. Nos programas de graduação e pós-graduação, curso da saúde e na dinâmica de trabalho muito se fala dos princípios norteadores do Sistema Único de Saúde (SUS), como a Universalidade, Integralidade e a Equidade e em alguns momentos, tais princípios são violados pelos trabalhadores. Nesse sentido, a etnografia reforça os nossos argumentos, pois permite aos profissionais da saúde uma compreensão global e particular da alteridade daqueles e daquelas que vivem na/da rua, sobretudo pelo uso de álcool e outras drogas.

Todo profissional tem uma formação e esta é permeada por valores e de intencionalidade. Nenhuma forma de conhecimento é neutra. Para um bom desenvolvimento na atenção aos consumidores de álcool e outras drogas e principalmente daqueles que vivem na/da rua faz-se necessário elaborarmos algumas estratégias. No primeiro momento, podemos chamar de fase pré-exploratória, momento este que chegamos ao local onde vamos pesquisar apenas para sentir a movimentação do campo, começar as relações, desenvolver o olhar de estranhamento da realidade. No segundo momento, descrevemos nossas primeiras impressões sobre aquilo que vimos para num terceiro momento, pesquisarmos as referências bibliográficas.

Como estamos produzindo conhecimento, nossas indagações não podem ficar soltas e serem meras opiniões, é preciso sustentar nossas observações com a bibliografia, seja ela por meio de artigos ou livros. É através da revisão da literatura que os profissionais vão ter sua segunda impressão sobre o estilo de vida da população que será atendida. Este recurso metodológico não está ausente de prática, pois ambos se complementam.

Quando aproximamos do caso descrito acima não foi apenas a chegada ao campo que possibilitou a interação com ele. Foi preciso uma pesquisa teórica sobre diversos conceitos das Ciências Humanas, Sociais, da Saúde, sobre a formação dos territórios, estratégias de Educação

² Anotações do caderno de campo do pesquisador.

Popular com criança e adolescente, discussões de caso com as profissionais que compõem os dispositivos da saúde, onde a visão interdisciplinar favorece na compreensão e encaminhamentos dos casos.

Em alguns momentos, as produções bibliográficas demonstram-se como um abismo com a prática dos profissionais, fazendo como que muitos exerçam mais suas técnicas de trabalho, numa lógica de atendimento *Taylorista*, esquecendo que aquele sujeito é dotado de história, valores, cultura, afeto, padrões e estilo de vida distinto. É preciso ter em mente que toda produção bibliográfica tem um limite e que as explicações totalizantes não dão conta dos problemas do cotidiano, daí a importância da etnografia, por permitir a compreensão do histórico de vida, o que nos serviços de saúde chamam este processo de *anamnese*.

Por meio desta ferramenta que conseguimos pensar a qualidade de vida do outro, pois será levada em consideração sua trajetória de vida e fazer com que os profissionais repensem outras formas de cuidado com os diferentes segmentos da sociedade. Se o Estado de direitos estabelece que a população deva ser assegurada e atendida pelo SUS, são esses profissionais que devem relativizar o olhar sobre cada sujeito que procura os dispositivos e auxiliá-los nesse atendimento.

No caso apresentado pelo caderno de campo, de um adolescente com histórico de vida permeado de violências, com pouca perspectiva de vida e com vínculos extremamente fragilizados, faz com que a etnografia se torna uma técnica importante, sobretudo na revisão bibliográfica. Conforme dito acima, até a chegada ao campo foi preciso leitura de teóricos que abordam o fenômeno e a vivência com o adolescente em questão, fazendo com que revisitássemos a bibliografia, seja para os pedidos em que fazia ou no cuidado dos dispositivos da saúde. Assim, faz-se necessário recorrermos novamente para o caderno de campo do pesquisador e entender o abismo que há entre a teoria e a vivência e como remontar as relações sociais que são estabelecidas no campo:

Notas do caderno de campo do pesquisador II: “Olha o que você fez comigo. Eu não quero ficar nesse lugar (ala psiquiátrica de um hospital), vocês acham que eu vou ficar aqui. Eu vou fugir e vou voltar a usar droga. Se eu vir vocês na rua, vou jogar pedra em vocês. Enquanto falávamos, caminhava de minuto em minuto até a porta da psiquiatria para tentar fugir e ameaçava os demais funcionários da unidade [...]. Chegávamos na unidade sempre com algum agrado, um pedaço de bolo, um chocolate, algum brinquedo e as visitas eram sempre muito agitadas. Certo dia, quando estava mais calmo, sentamos ao seu lado e dissemos que continuaríamos a visitá-lo até que melhorasse e a vontade do uso de drogas diminuísse. Foi quando começou a dar mais abertura sobre sua vida [...]”

Esse processo de aproximação foi muito importante, e conforme curti os agrados que levávamos, com os objetos da caixa lúdica e algumas atividades como desenho, jogar bola, brincar de cabra-cega, esconder algumas guloseimas e ele encontrar, perguntando sobre o seu estilo de vida na/da rua e na medida do possível foi dizendo como chegou à rua, como começou a usar drogas, comentava da sua família e em diversos momentos comentava sobre sintomas de fissura e abstinência do uso de drogas.

Nesse sentido, percebemos o quanto à bibliografia auxiliou a aproximação com o mesmo e faz com que os profissionais revissem suas posturas frente ao trabalho. O pesquisador chega ao campo com uma pré-noção de como se dá as relações sociais no território ou dispositivo. Quando se depara com uma imensidão de variáveis, que até então não foram testadas e comprovadas, recomeça, com o acúmulo da primeira leitura, a compreender o fenômeno a ser estudado. É com o equilíbrio entre a revisão bibliográfica e a empiria que os profissionais da saúde conseguem compreender seus atendimentos a partir dos princípios norteadores do SUS: onde todos e todas devem ser atendidos.

Podemos perceber que os princípios que fundamentam o SUS: como a Integralidade, onde o atendimento deve ocorrer desde a Atenção Básica até a Atenção Especializada e pela Equidade onde cada sujeito tem suas particularidades, é neste último princípio que a Etnografia se torna mais do que necessária, pois não encara os sujeitos dotados de direitos, mas como distintos e forçam os profissionais da saúde a repensarem os seus modelos de cuidado, pois a alteridade deve ser levada até as últimas consequências.

Por ser esta técnica muito utilizada entre antropólogos (as), embora as demais áreas que compõem a área das Ciências Sociais utilizam-na, facilita ainda mais a compreensão sobre o estilo de vida a partir da alteridade. Devemos ser muito gratos à Antropologia, pois é com suas técnicas de observação que conseguimos elaborar algumas considerações sobre os fenômenos humanos. Por meio dela que conseguimos fugir de explicações totalizantes, etnocêntricas, dogmáticas e compreender os seres humanos a partir da lógica da heterogeneidade.

Nem sempre a Antropologia foi desse jeito. Os primeiros antropólogos foram os colonizadores que, adentrando em diversas ilhas e terras longínquas, perceberam seres humanos sem muito contato com o homem branco e começaram a descrever sobre o comportamento de outros povos. Nesse sentido, a Antropologia foi adaptando-se a novas abordagens, novos fenômenos, novas tecnologias e cada vez mais tem avançado para a compreensão dos comportamentos humanos.

Pensando na vivência de quem vive na/da rua o método etnográfico possibilita as pesquisadoras, profissionais da saúde e assistência sociais olhares que extrapolam a vivência desses indivíduos.

É na cidade que esses indivíduos encontram, na medida em que vão refletindo, seus locais de moradia, para alimentarem-se, para fazerem o uso de drogas, para manterem relações sexuais, locais mais seguros para as mulheres, enfim, uma gama de possibilidades. A partir daí que a Etnografia auxilia, tanto na compreensão da alteridade quanto nos *insights* de quem problematiza a vivência dessas pessoas.

Quando nos aproximamos dos indivíduos e iniciamos o trabalho de alteridade é o momento que temos para refletir sobre as movimentações que a cidade possibilita, mesmo que esse sujeito esteja marginalizado das diversas esferas que compõe o mundo social. Com a etnografia passamos a ter uma noção mais detalhada de como funciona o campo, bem como os seus rituais, símbolos e códigos. A cidade não deve ser vista apenas como corredor de passagem, pois o sujeito reflete os seus movimentos e projeta os locais que precisa para o seu auto-cuidado, por mais escasso que ele seja. Sobre este aspecto a compreensão “*de perto e de dentro*”, categoria utilizada por Magnani nos ajuda a problematizar o conjunto de ações dos atores sociais:

A simples estratégia de acompanhar um desses ‘indivíduos’ em seus trajetos habituais revelaria um mapa de deslocamentos pontuados por contatos significativos, em contextos tão variados como o do trabalho, do lazer, das práticas religiosas. É nesse plano que entra a perspectiva de perto e de dentro, capaz de apreender os padrões de comportamento, não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos. (Magnani, 2002, p. 17)

A partir da categoria “*de perto e dentro*” (Magnani, 2002) podemos compreender a vivência do outro e relativizar o olhar. Quando acompanhamos os circuitos ou trajetos dessa população, temos uma noção de como conseguem recriar os espaços e assim vivenciar outro estilo de vida. Compreender a alteridade não é tarefa simples, pois vivenciamos valores e regras e por sermos seres humanos, carregamos isso com a gente nos diversos espaços em que estamos inseridos. Em muitos momentos a chegada de profissionais de saúde causa estranhamento para aqueles e aquelas que vivem na e da rua, seja por estarem tanto tempo numa situação de alta vulnerabilidade, os vínculos serem iniciados e rompidos com muita fragilidade, por desacreditam nos serviços que são direcionados a eles, percepções estas que por meio do método etnográfico possibilita aos pesquisadores reflexões que fundam sus hipóteses. Quando exercemos o método passamos a compreender suas movimentações enquanto rituais e os encaramos a partir de suas próprias vivências. O vínculo, tema em que abordaremos mais a frente, permite a estreita relação com o trabalho, grupo ou território em que os profissionais vão inserir-se. Essa população está habituada com discursos clássicos da saúde: “Tome remédio”, “Para de usar drogas, daí você vai ver que tudo melhora”, “Vá até a Unidade Básica de Saúde

(UBS), daí lá você vai conseguir sair dessa vida”. Podemos listar uma gama de discursos que são direcionados a esses indivíduos a partir da lógica do indivíduo se adequar as instituições, e reforçando cada vez mais o discurso de não pertencimento ao mundo em que está inserido.

Quando discutimos em equipe a importância da alteridade e o quanto cada sujeito tem um tempo para seguir determinadas recomendações, tudo muda. Com a vivência nos serviços de saúde tivemos a possibilidade para reflexões desde o momento em que compreendíamos a movimentação das pessoas a partir de rituais, e em cada um estava implícita uma situação de sofrimento: seja no uso de álcool e outras drogas, seja no desprezo com a família, nas brigas que ocorrem na rua, pela carência de um abraço ou no estilo de vida andarilho e de sempre estar sujo.

Quando os profissionais da saúde exercem a alteridade nos permite a compreensão do histórico de vida, tratamentos almejados e das pessoas refletirem o seu auto-cuidado sem sentirem-se culpados ou julgados. É nessa relação que vamos consolidando nossos afetos (do profissional e do atendido). Através do afeto que conseguimos impulsionar reflexões sobre o estilo de vida adotado e situar para o sujeito determinados “erros” na sua vivência e na sua relação com o uso de álcool e outras drogas.

O vínculo é a peça fundamental das relações sociais. Por meio da vivência no cotidiano que ele é elaborado, sendo essa relação em que o sujeito adquire a confiança e inicia os relatos de vida. É por meio desse processo que conseguimos estabelecer potencialidades e limites nas ações estabelecidas entre os profissionais de saúde e os indivíduos que acompanhamos. Essa tarefa pode ocorrer de diversas formas, seja com ações lúdicas: como baralho, dominó, instrumentos musicais, caminhar com as pessoas na rua, executando suas tarefas diárias, seja em algum centro de convivência ou serviço prestado a esta população. Na medida em que vivenciamos com elas, não é apenas o histórico de vida do sujeito que é revelado, mas das pessoas que estão naquela interação social. É nesse momento em que se iniciam os primeiros passos para um vínculo que será capaz de auxiliar no auto-cuidado e quando o profissional informar o sujeito das possibilidades existentes.

Quando vamos descrever sobre o método etnográfico costumamos afirmar sobre a importância em mantermos “distância” e outras atuações correlatas para a análise. Ações como colocar-se no lugar do outro, observação participante, dar voz ao “nativo” fazem parte do universo etnográfico, mas ela nos permite a *insights* sobre a alteridade. Nesse sentido, a etnografia enquanto método de compreensão da realidade nos permite captar aspectos da dinâmica urbana que nos passariam despercebidos. Por ser a compreensão do cotidiano e como os indivíduos a vivenciam, busca compreender as particularidades que são pensadas e vivida por eles, formando

os grupos, locais de uso para o banho, higiene, uso de drogas, moradia, enfim, uma gama de relações que compõe o mundo social de homens e mulheres da rua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo pudemos compreender as especificidades na construção da identidade de homens e mulheres em situação de rua. Tentamos resgatar a trajetória dessas pessoas por meio da etnografia. A convivência diária com essas pessoas possibilitou a reconstrução do pesquisador que vos escreve, sobretudo na valorização dos diversos significados que a vida na cidade proporciona às pessoas. Não se trata de valorizar o que temos para comer, de nunca reclamar da situação em que estamos ou até mesmo considerar que os problemas dos outros, no caso os moradores de rua, são mais problemas do que os nossos. Longe de categorias clichês e simplismos, mas termos convivido com essas pessoas fez com que compreendêssemos a sociedade brasileira, sem esquecer ou negar o seu passado. Passado este que apresentou diversas impossibilidades para um desenvolvimento soberano, de uma cidadania ativa e participativa. São homens e mulheres que estão a mercê, em muitas situações, de uma sociedade que os marginaliza. Mas ao mesmo tempo recriam os espaços que ocupam, mesmo em uma condição de pobreza extrema, tendo o corpo e alguns pertences básicos. Esses homens e mulheres são os heróis da vida moderna e das grandes cidades, pois mesmo não detendo as ferramentas necessárias ou em muitas situações, a forma digna para o sustento da vida – trabalho –, residindo sobre os logradouros conseguem reestruturar suas vidas. É daí que a construção da identidade se torna importante na compreensão deste fenômeno, por compreender os indivíduos na sua multiplicidade e fragmentação.

A identidade é um processo longo e contínuo (Berger & Luckman, 1985). Nesse sentido, a Sociologia do Conhecimento nos ajuda a compreender os papéis sociais, a organização social, as instituições sociais, os valores, as normas e regras. É na vida cotidiana que homens e mulheres se e reformulam constroem o mundo em que estão inseridas e este conhecimento torna-se valioso por ser através dele a construção da identidade.

Émile Durkheim nos ajuda a refletir sobre o fenômeno. Quando nascemos, somos obrigados a participar da sociedade em que estamos inseridos. Essa investigação nos mostrou que os seres humanos são adaptados ou condicionados à realidade em que estão inseridos, e este condicionamento possibilitam os seres humanos a construírem suas personalidades, formas de viver, maneiras de agir e de pensar, formando a construção da identidade.

Partindo desses pressupostos, este artigo procurou compreender de forma interdisciplinar,

valorizando a opinião de todos e todas que se sentiram à vontade para participar desta pesquisa. Considerando as descrições dos agentes entrevistados durante os anos de pesquisa, o uso de drogas, a relação com os seus familiares e a formação dos novos grupos nos faz repensar a forma em que estes indivíduos encontraram para a construção de suas vidas. Foram valores e formas de se viver que possibilitou a construção de um adulto permeado pela pobreza, dependente de uma substância que traz diferentes sensações a ele, mas que consegue sociabilizar-se com os demais.

Outro aspecto importante desta pesquisa foi à aproximação do viver na e da rua. ‘De perto e de dentro’ para utilizarmos a categoria de Magnani e o método etnográfico, conseguimos compreender que as vidas dessas pessoas fazem parte do movimento dialético, ou seja, vivenciam a pobreza extrema, mas procuram meios, muitas vezes escassos, para sobreviverem. Vivenciam situações de violência e conseguem encontrar pessoas, instituições e outros mecanismos para amenizar a situação. Estão expostos na maior parte do tempo à vida pública, mas recriam no espaço público estratégias para sobreviverem às diferentes situações que a cidade estimula. Romperam os vínculos com a família, mas recriaram laços afetivos com as pessoas e as drogas psicoativas. Vivenciam sob o poder do Estado, mas recriam regras nas relações do cotidiano.

O que legitima a ação dessas pessoas é o domínio do próprio corpo e na articulação dos serviços que existem para que possam sobreviver nas grandes cidades, mas muitas coisas lhes faltam para alcançar a autonomia e ascensão. E nesse sentido, nossa hipótese consegue trazer algumas respostas para compreensão do fenômeno. Quando essas pessoas procuram por melhores condições seja através dos agentes de proteção especial ou pelos equipamentos que prestam serviços a eles, traz de forma direta e indireta, a construção social deturpada sobre o processo de educação desses homens e mulheres.

A construção da identidade está permeada pela incerteza e como os seres humanos estão numa condição de construção social, significa que se constroem e reconstroem no cotidiano, e nunca sabemos se passamos para os outros a mesma identidade que construímos para nós, afinal, não há certeza de que o significado dos símbolos seja o mesmo para todas as pessoas.

O viver na e da rua para essas pessoas caminha sob a relação de poder. Quando comentam sobre os espaços em que frequentam como o centro de acolhida, as instituições da saúde, centro de convivência ou até mesmo as áreas livres as atividades realizadas nesses espaços os impossibilitam para outro estilo de vida.

A reflexão que fazemos sobre estas atuações é que elas reforçam a continuidade da vida dessas pessoas na e da rua. Quando educadores elaboram estratégias para acompanhamento na saúde

ou assistência social há empecilhos na atuação desses serviços, seja para transportar as pessoas, pela falta de recursos nos equipamentos da assistência social e da saúde e a não articulação conjunta das redes.

Em algumas situações entre os moradores de rua a sensação é de ‘encantamento do mundo’. Procuram explicações místicas, livre opinião, desacreditam no poder do Estado, nas concepções dos agentes de proteção. Muitos não conseguem compreender o viver na rua como uma condição social, mas como pecado, culpa ou livre escolha.

O viver na e da rua estimula as pessoas ao uso abusivo e a dependência de drogas psicoativas por estarem expostos na maior parte do tempo à vida pública, e por vivenciarem sob a pobreza. Esse estilo de vida possibilita aos seus consumidores estabelecerem relações entre si e em torno das drogas.

Na rua o maior consumo das substâncias é o cigarro, cachaça, crack e cocaína (não necessariamente nesta ordem). O uso entre essas pessoas iniciou desde cedo, e são diversos os motivos que as levaram ao uso abusivo e a dependência. Alguns informam que começaram a usar drogas psicoativas quando crianças, sobretudo na presença dos pais; outros que começaram o uso em casa e a família já saturada ou não tendo mais alternativas optaram por viver na rua; alguns comentam que viver na rua é legal, por não existir tantas regras como uma residência; por não conseguir sustentar a família, sentindo-se rebaixado optou por este estilo de vida.

Destacamos também que a Universidade tem um papel importante nesse processo através do princípio da indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão. Não exigimos a elaboração de novas leis, mas a aplicabilidade delas. É preciso e até urgente a capacitação para os profissionais que atuam com este segmento populacional, dessa forma acreditamos que a teoria e prática possam caminhar juntas.

Sobre esta relação entre teoria e prática encaramos como fatos indissociáveis. Para sua elaboração é preciso conviver próximo do objeto de estudo, “de perto e de dentro” para não excluirmos ou fragmentarmos os fatos que assistimos. O trabalho de campo foi um passo primordial para compreensão do fenômeno e para formação do pesquisador. Quando nos inserimos no local de pesquisa ficamos muito ansiosos e não deixamos, em algumas situações, os dados apresentarem-se de forma espontânea ou das pessoas agirem conforme seu cotidiano. O mais importante nesse processo é visitarmos o local, percebermos como as pessoas fazem o uso do espaço e como aquele território torna-se atrativo para as pessoas.

Como compreendemos pessoas em situação de rua, e na tentativa de demonstrar minha inserção no campo fui observando que em determinados locais da cidade há aglomerações de moradores de rua e que eles constroem toda a trama de relações sociais por distintos motivos. São as

estruturas que formam os espaços, mas ao mesmo tempo esses indivíduos que a caracterizam através do sentido que atribuem ao local.

Podemos pensar no momento em que há distribuição de alimentos ou outras doações. Esses indivíduos formam e caracterizam os espaços a partir das relações sociais, assim, quando estamos em campo não podemos fragmentar os dados, mas construí-los a partir da interação entre sujeito e instituição, mas que ambos estão em movimento.

Assim, nenhuma forma de conhecimento é neutra, mas embutida de sentido. Por fim, neste artigo procuramos compreender como é o viver na e da rua para homens e mulheres em situação de rua, à luz de autores que discutem o desenvolvimento humano nas Ciências Sociais, Humanas e da Saúde. Isso reafirma nossa concepção sobre o fenômeno, tentando buscar alternativas para que as pessoas possam buscar sua autonomia e que outro estilo de vida é possível.

Por fim, entendemos que o trabalho interdisciplinar apresenta um potencial para construção de novas abordagens sobre os fenômenos sociais. Nesse sentido, a busca pelo equilíbrio entre essas áreas do conhecimento torna-se fundamental para a compreensão dos fenômenos urbanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS REVISADAS

AUGÉ, Marc. *Os não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, Papirus Editora, 2005.

BERGER, Peter & LUCKMAN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOURDIEU, Pierre. *A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas*. Petrópolis: Vozes, 1999.

DUARTE, Paulo. do C. A. V. & ANDRADE, A. G. de (Orgs). *Integração e competências do desempenho de atividades judiciária com usuários e dependente de drogas*. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2011.

DUBAR, Claude. *A socialização e construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DURKHEIN, Émile. *Educação e Sociologia*. São Paulo: Vozes, 2014.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. & SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

- ESCOREL, Sarah. *Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *História da loucura: na idade clássica*. São Paulo: Perspectiva, 2005
- _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- _____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FRANGELLA, Simone M. *Corpos Urbanos Errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo*. São Paulo: Annablume, 2009.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GOFFMAN, Erving. *Comportamentos em lugares públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- _____. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC editora, 2012.
- _____. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2008
- MAGNANI, José Guilherme Cantor (2002) De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *RBCS*, 17 (49), 11-29.
- WHYTE, Willian Foot. *Sociedade da esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LIVING THE STREET: AN ETHNOGRAPHIC CONTRIBUTION

¹ Thiago Pacheco, thiagopachecoeducacao@gmail.com

¹ Secretaria Municipal de Educação da Cidade de São Paulo

ABSTRACT

In this article we present the pertinence of the qualitative research in health. We intend to demonstrate how the ethnographic technique allows us to understand the lifestyle of men and women living on and off the streets in the big cities. We believe that through ethnography we can understand the history of life, daily life, health demands and desired treatments. This population is permeated by extreme poverty, precariousness and insalubrity of the streets, becoming a challenge for educators, health professionals and the general concepts of the Unified Health System, such as Universality, Integrality and Equity. Our field of research is the public places, squares, marquees and devices of social assistance and health in São Paulo.

KEYWORDS Street, Link, Drugs, Devices, Health